



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 4, número 1, jan-abr 2015

BERND, Zilá; MOREIRA, Maria Eunice; MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). **Tributo a Moacyr Scliar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 219 p.

RESENHA

Vicentônio Regis do Nascimento SILVA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Brasil

Adriana Jesuíno FRANCISCO
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE
MESQUITA FILHO” – Campus Assis, Brasil

TEXTO | CITAR ESTA RESENHA | OS AUTORES
RECEBIDO EM 08/09/2014 • APROVADO EM 11/12/2014

Texto integral

Tributo a Moacyr Scliar homenageia a fabulosa figura humana de raízes judaicas, autor de mais de oitenta títulos, mestre da narrativa fantástica que transitava com humor por diversos gêneros, membro da Academia Brasileira de Letras, professor, médico, leitor, amante da vida simples e, genuinamente, literária.

Dividido em duas partes, o livro abarca depoimentos na primeira e estudos críticos na segunda. Ainda na primeira, constata-se as colaborações da Família Oliven (parafraseando o título de seu último romance, destaca o choro de milhões

de leitores lamentando sua morte), Nilson Souza (editor de “Zero Hora” relembra os oferecimentos para escrever editoriais e telefonemas aos fins de semana para imprimir tom jornalístico às suas crônicas), Luiz Antônio de Assis Brasil (surpreende-se com a facilidade de escrever muito, rápido e, sem confundir enredos, em diversos gêneros), Zilá Bernd (define-o gaúcho transcultural, transitando por várias culturas e temas judaizantes/bíblicos, construindo obra coerente em que se percebem alteridade, construção de identidades heterogêneas), Jean-Marie Ozanne e Philippe Poncet (os capítulos em francês retratam a recepção de seu trabalho na Europa assim como as relações pessoais entre editor e tradutor com o brasileiro), Wremyr Scliar (acredita no humanismo do cronista constituído pela cultura ampla e pela aplicação de princípios democráticos e de tolerância no dia a dia).

Ilana Heineberg inicia a segunda parte – estudos críticos – com a abordagem de *Eu vos abraço, milhões*, em que são identificadas a ausência de utopias na contemporaneidade, a técnica do contraponto (alcança-se o momento presente, diluído com o tempo da história, por meio de relato da personagem que a narra), a intertextualidade (dialogando com autores de vieses diferentes, entre os quais Marx, Engels, Lênin, Machado de Assis, Bakunin, Lima Barreto, Drummond, João Cabral, Manuel Bandeira, Mario Quintana e Clarice Lispector; apostando na recriação metaficcional), a descentralização de versões por meio do confronto direto com a História.

Jaime Ginzburg defende a leveza e o humor na introdução da melancolia proporcionada por *Saturno nos trópicos*. O professor destaca o enfrentamento ou a superação da condição melancólica, atrelada à riqueza, à luxúria, às épocas de carnaval e à utopia. Aproximando-se de Machado de Assis e de Lima Barreto, a melancolia alinha-se à mania ou ao entusiasmo. No conto “Rápido, rápido”, desafia-se a percepção do tempo pelo processo de construção do narrador, sustentado pela convergência entre linguagem e ação, passado e presente, existência e finitude. Em “Pausa”, a finitude acontece oniricamente e a situação-limite, finalizada pelo toque do despertador, desperta para a vida em andamento: o medo da morte perde o jogo para o valor da sobrevivência.

Marie-Hélène Paret Passos recorre aos arquivos do DELFOS (Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) com a finalidade de desenhar a trajetória de criação literária. O escritor valia-se de blocos de hospital, de hotel, de lojas e de livrarias, de cadernos, de agendas e de cadernetas para anotar ideias que, em sua perspectiva, de acordo com a pesquisadora, têm mais probabilidade de serem captadas do que de surgir. Em caderneta em que toma apontamentos durante suas aulas em curso de especialização em Israel, os rascunhos dividem-se em dois grupos: viagem e não-viagem. O processo de escrita fornece traços tanto de arquivamento da memória quanto de estratégias de recriação/rememoração, remodelando impressões da vida pessoal e profissional e de projetos literários, pesquisas em bibliotecas e sementes de romances – publicados ou apenas sistematizados. Ainda segundo a pesquisadora, os cadernos ocupam lugar de destaque na trajetória de criação, abandonados apenas na maturidade ou quando se adquire segurança no ofício de escritor que abria mão de rituais de trabalho escritural e aproveitava cada momento para criar.

As memórias das festas familiares são objeto da tese de doutoramento de Maria Cristina Caminha de C. França para quem a obra de Scliar possibilita a construção de identidades, já que, criada no Bom Fim, mas sem se converter ao judaísmo, participava do movimento juvenil judaico. A família Scliar age diretamente na produção cultural. A festa é ritual que “(...) visa a comemorar os acontecimentos que marcam ou marcaram a vida em família” (p. 102). Portanto, a função da festa é assegurar a memória ao longo das gerações e recriar alianças. Na pesquisa de campo, a antropóloga acompanha a festa da família Scliar – da qual participa o autor – em Porto Alegre.

As reflexões em torno da crônica ficam por conta de Nubia J. Hanciau. Reunindo sínteses e comentários – seus e de terceiros – a respeito do gênero, confessa sua admiração por Scliar. Destaca seis livros do autor. Consagra-o ao patamar de nomes como Rubem Braga, Luís Fernando Verissimo e Paulo Mendes Campos.

Leitor assíduo da Bíblia – menos pelo aspecto religioso do que pelo literário, Scliar busca inspiração no intuito de preencher, de forma humorística e fantástica, as lacunas com a ficção.

É justamente esse aspecto lacônico e lacunar da Bíblia que fascina Moacyr Scliar a ponto de solicitá-la como fonte de inspiração e de imaginação. O escritor apropria-se do texto bíblico com o objetivo de preencher as lacunas daquilo que não foi dito e que deixa, muitas vezes, o leitor da Bíblia só diante de suas próprias interrogações. (p. 129).

Soraya Lani aponta duas finalidades de seu capítulo: 1) identificar as práticas intertextuais bíblicas do escritor (impli-citação e paródias); 2) explicar o conceito de paródia em *A mulher que escreveu a bíblia*. Desde os primeiros contatos com a bíblia, Scliar incorpora a parábola, acrescentando, em seguida, o recurso da alusão por meio do qual, após ser levado ao sentido essencial do texto, o leitor o reinterpreta em novo contexto. O leitor então se interessa pela Bíblia pelo “texto deformado da paródia” (p. 132). Iniciando a análise de *A mulher que escreveu a bíblia*, observa-se que as mulheres não tinham acesso nem à leitura nem ao livro sagrado. Dessa verossimilhança, cria-se a paródia de Salomão que escolhe uma mulher feia para propiciar beleza às palavras que contariam elegante e seriamente a história de seu povo. A protagonista parodia a bíblia pelo metadiscorso, incluindo comentários humorísticos e céticos que sustentam dúvidas da suposta sabedoria de Salomão. A personagem retranscreve, mas não recria o texto. O narrador dessacraliza a imagem de Salomão. Verifica-se a intertextualidade em outros títulos: *A guerra do Bom Fim* (episódios do Gênesis, Êxodo, Sodoma e Gomorra), *A estranha nação de Rafael Mendes* (Livro de Jonas), *Cenas da vida minúscula* (trinta primeiras páginas reconstituem o reinado de Salomão). Também podem ser apontados na mesma linha *Os vendilhões do templo*, *Manual da paixão solitária*, *A mulher que escreveu a Bíblia*.

A cargo de Maria Zilda Ferreira Cury, *A majestade do Xingu* aborda a voz do imigrante em trânsito, realçando aspectos do hibridismo cultural, da cidadania, da

nacionalidade e do Estado. As significações acontecem contraditoriamente. Os tons de um texto ecoam em outros. Os reconhecimentos desses ecos, por parte do leitor, movimentam o espaço literário, especialmente do romance, gênero dialógico por excelência. Estrangeiro, o enunciador narra da fronteira, do entre-lugar, convidando o leitor a igualmente ocupar o espaço e as posições do entre-lugar, promovendo a desconstrução e a “desleitura” dos mitos duradouros de identidade.

O veterano Flávio Loureiro Chaves debruça-se sobre a diáspora:

No jogo de espelhos em que está cifrada a existência, a diáspora do judeu estabelece um motivo recorrente de múltiplos significados. Dentre outros, traça um contraste verdadeiramente inquietador entre a saga bíblica do povo eleito e a mediocridade linear que sufoca, aqui e agora, sua descendência expatriada, quero dizer, as personagens de Moacyr Scliar. Abriu-se um abismo cuja dimensão intransponível se mede na distância que separa os ideais do passado e a face áspera do presente que não nasce senão como antítese ou farsa. (p. 173).

A descendência expatriada a que se refere constitui fator de heterogeneidade e reconstrução identitária do Rio Grande do Sul onde *Histórias de um médico em formação*, lançamento de Scliar, coincide com o último volume de *O arquipélago* de Érico Veríssimo, finalizando o painel histórico *O tempo e o vento* e fixando a identidade cultural daquele estado. Acrescenta-se a essa identidade gaúcha – a que pertence o autor de *Clarissa – Os ratos* em que Dyonélio Machado descreve a opressão social de Porto Alegre. A cidade de Érico Veríssimo, Dyonélio Machado e Moacyr Scliar é a mesma, entretanto, a partir de 1962, o cenário diferencia-se pelo acréscimo (i)migratório e a diáspora judaica intensificada nos textos do último. São exemplos analisados *Os deuses de Raquel*, *O ciclo das águas*, *Os voluntários*, *O centauro no jardim*, *A estranha nação de Rafael Mendes*, *A majestade do Xingu*, *A mulher que escreveu a Bíblia* e *Os Vendilhões do templo*.

Os dois últimos capítulos analisam respectivamente a recepção da obra no exterior e as homenagens póstumas no Brasil. Neste, Patrícia Fialho Cerqueira comenta as notícias publicadas em jornais, revistas e páginas na internet acerca do falecimento de Scliar. Naquele, Rita Olivieri-Godet, Zilá Bernd e Patrícia Fialho Cerqueira procedem ao levantamento da fortuna crítica (resenhas e resenhas) publicadas em inglês nos Estados Unidos e no Canadá e em francês, na França.

Conforme explica o título, a reunião dos capítulos e dos depoimentos de leigos e profissionais da crítica literária constitui efetivamente um tributo a quem, nas últimas décadas, construiu trajetória conhecida e reconhecida não apenas pelo público, mas também pela Academia. Logo, para nós, leitores profissionais ou bissextos, a (re)leitura das abordagens críticas é, antes de tudo, aprendizagem lúdica e sistemática, um consolo de esperança da imortalidade da obra de escritor prolífico e polígrafo que é Moacyr Scliar.

SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento; FRANCISCO, Adriana Jesuíno. Tributo a Moacyr Scliar (Resenha). **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 4, n. 1, p. 56-60, jan.-abr. 2015.

Os autores

Vicentônio Regis do Nascimento Silva é doutorando em Literatura - Universidade Estadual de Londrina, possui graduação em Bacharelado em Direito pela Fundação Educacional do Município de Assis (2004), especialização em História Social e Ensino da História pela Universidade Estadual de Londrina (2008), especialização em Direito Trabalhista e Previdenciário pelo Centro Universitário Eurípedes de Marília (2011) e mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em GÊNERO. Atuando principalmente nos seguintes temas: CONDIÇÃO FEMININA, DRAMATURGIA.

Adriana Jesuíno Francisco é graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus - ASSIS - SP. Possui graduação em Design Gráfico pela Fundação Eurípides Soares da Rocha (2007) e Especialização em Marketing e Negócios pela mesma Instituição. Tem experiência na área de Ensino de Línguas, Literatura Juvenil com ênfase na formação do leitor e Comunicação Visual. Professora de Língua Inglesa - Secretaria Municipal de Educação de Assis - SP - Escola EMEIF Alides Celeste Razaboni Carpentieri.